

A história do falso príncipe

Tradução de Mauni Oliveira

Era uma vez um respeitável aprendiz de alfaiate chamado Labakan, que aprendia seu ofício com um habilidoso mestre em Alexandria. Não se podia dizer que Labakan não soubesse lidar com a agulha, muito pelo contrário, ele era capaz de fazer trabalhos muito finos. Também não lhe faria justiça se o considerasse preguiçoso; mas não estava tudo certo com o aprendiz, pois ele muitas vezes costurava por horas a fio, de forma que a agulha se tornava incandescente em sua mão e a linha soltava fumaça, saindo-lhe então uma peça sem igual; outra vez, porém, e infelizmente isso acontecia mais vezes, ele se sentava absorto em pensamentos, com os olhos fixos e tinha com isso algo tão próprio na feição e nos modos, que seu mestre e os demais aprendizes nunca falavam outra coisa sobre esse estado que: “Labakan está de novo com uma feição nobre.”

Mas na sexta-feira, enquanto as outras pessoas voltavam para casa tranquilamente da oração para seus afazeres, Labakan saía da mesquita em um belo traje, que ele havia poupado com muito esforço, andando a passos lentos e orgulhosos pelas praças e ruas da cidade e, quando um de seus companheiros lhe dizia “Que a paz esteja contigo”, ou “Como vais, amigo Labakan?”, ele acenava graciosamente com a mão ou, quando muito, assentia fidalgamente com a cabeça. Quando então seu mestre lhe dizia de brincadeira: “Levas jeito para príncipe, Labakan”, ele se alegrava e respondia: “O senhor também notou isso?” ou: “Há muito já havia pensado nisso!”

Assim o respeitável aprendiz de alfaiate Labakan ocupava seu tempo, mas seu mestre tolerava sua tolice, pois, fora isso, ele era uma boa pessoa e um hábil trabalhador. Porém um dia, Selim, o irmão do sultão, que passava então por Alexandria, enviou ao mestre um traje de festa para que fizessem algumas modificações, e o mestre o deu a Labakan, visto que ele fazia o melhor trabalho.

Quando à noite o mestre e os aprendizes haviam se retirado para se recuperarem da labuta do dia, um anseio irresistível levou Labakan de volta à oficina, onde estava pendurado o traje do irmão do imperador. Ele ficou por muito tempo meditando diante dele, admirando no traje ora o brilho dos bordados, ora as cores cintilantes do veludo e da seda. Ele não podia evitar, tinha que vesti-lo eis que lhe caía tão bem como se tivesse sido feito para ele. “Não sou tão bom quanto um príncipe?” perguntava a si mesmo, enquanto caminhava para lá e para cá pelo quarto. “O mestre mesmo já não disse que eu nasci para ser príncipe?” junto com as roupas, o aprendiz parecia ter vestido toda uma atitude real; ele não podia pensar outra coisa, a não ser que era um filho desconhecido de rei, e como tal resolveu viajar pelo mundo e sair daquele lugar onde até agora as pessoas haviam sido tão tolas de não reconhecerem, sob o manto da sua baixa posição, a sua dignidade nata. A veste suntuosa parecia enviada por uma boa fada para ele, por isso teve bastante cuidado de não recusar um presente tão caro, guardou seu pouco dinheiro e partiu pelos portões de Alexandria, favorecido pela escuridão da noite.

O novo príncipe provocou admiração por toda parte, pois a veste suntuosa e sua atitude solene e majestosa não combinavam de maneira alguma com um andarilho. Quando lhe perguntavam a respeito, ele costumava responder, com um ar de mistério, que tinha suas próprias razões. Mas quando percebeu que fazia um papel ridículo por suas peregrinações a pé, comprou por preço baixo um cavalo velho, que combinava bastante com ele, visto que com sua sisuda calma e mansidão, nunca o levaria ao constrangimento de precisar se mostrar um exímio cavaleiro, o que de fato não era.

Um dia, quando ele seguia seu caminho a passo lento na garupa de seu Murva (assim ele havia denominado o cavalo), um cavaleiro juntou-se a ele e pediu para cavalgar em sua companhia, porque o caminho se tornaria muito menor para ele ao conversar com alguém. O cavaleiro era um homem alegre e jovem, de trato amável e agradável. Logo ele havia tecido com Labakan uma conversa sobre origens e destinos, e constatou-se que, assim como o aprendiz de alfaiate, o outro também saía pelo mundo sem um plano. Ele disse que se chamava Omar, que era sobrinho de ElfiBey, o infeliz paxá do Cairo, e agora viajava para executar uma missão a que o seu tio lhe encarregara em seu leito de morte. Labakan não podia ser tão franco quanto à sua situação e deu a entender que era nobre de nascimento e viajava por prazer.

Os dois jovens afeioaram-se um ao outro e seguiram viagem. No segundo dia de sua jornada comum, Labakan perguntou ao seu companheiro Omar sobre sua missão e, para sua surpresa, descobriu o seguinte: ElfiBey, o paxá do Cairo, havia criado Omar desde a mais tenra idade e este nunca conhecera seus pais. Agora que ElfiBey tinha sido emboscado por seus inimigos e, após três batalhas infelizes, fora ferido mortalmente e precisara fugir, revelou ao seu

pupilo que ele não era seu sobrinho, mas sim o filho de um poderoso monarca que, por medo das profecias de seus astrólogos, afastara o jovem príncipe de sua corte, com a jura de querer revê-lo somente quando este cumprisse seu vigésimo segundo aniversário. ElfiBey não havia lhe mencionado o nome de seu pai, mas apenas lhe ordenado especificamente que, no quinto dia do vindouro mês de Ramadã, dia em que ele completaria vinte e dois anos, se encontrasse no famoso pilar de El-Serujah, a quatro dias de viagem a oeste de Alexandria; lá, ele deveria entregar um punhal, presenteado pelo tio, aos homens que estariam no pilar, proferindo as palavras: “Desarmado estou eu, a quem vós buscais”; se eles respondessem “Bendito seja o profeta que te trouxe!”, deveria então segui-los, pois eles o levariam a seu pai.

O aprendiz de alfaiate Labakan ficou muito surpreso com o relato, a partir de agora fitava o príncipe Omar com olhos invejosos, irritado pelo fato de que o destino ainda deferia àquele, embora já fosse sobrinho de um poderoso paxá, a honraria de um filho real, a ele, porém, que estava munido com tudo que era necessário para um príncipe, concedera como que por escárnio um nascimento obscuro e uma vida comum. Ele fazia comparações entre si e o príncipe. Precisava admitir que aquele era um homem com um semblante muito favorecedor; olhos belos e vivazes, um nariz adunco, maneiras gentis e cortesias, em suma, tantas qualidades exteriores que possam servir para recomendar alguém, aquele homem as possuía. Mas quanto mais qualidades ele encontrassem seu companheiro, mais ele admitia para si mesmo com essas observações que um Labakan provavelmente deveria ser até mais bem-vindo pelo pai monarca que o verdadeiro príncipe.

Essas considerações perseguiram Labakan o dia inteiro. O alfaiate adormeceu com elas no próximo acampamento; mas ao acordar pela manhã e sua vista cair sobre Omar adormecido a seu lado, que dormia tão sossegado e sonhava com a sua felicidade certa, sentiu despertar nele a ideia de buscar, pela astúcia ou pela força, aquilo que o mal-azado destino lhe havia negado. O punhal, sinal de reconhecimento do príncipe que retornava, se via no cinto do adormecido; silenciosamente retirou-o para cravá-lo no peito do próprio dono. Mas o espírito pacífico do aprendiz horrorizou-se diante da ideia de assassinato; contentou-se em manter o punhal consigo, em encilhar o cavalo mais veloz do príncipe e, antes que Omar acordasse e visse todas as suas esperanças roubadas, seu desleal companheiro já tinha uma vantagem de várias milhas.

Era o primeiro dia do mês sagrado do Ramadã quando Labakan cometeu o roubo ao príncipe e, portanto, ele ainda tinha quatro dias para chegar ao pilar de El-Serujah, que lhe era bem conhecido. Embora a região em que esse pilar se encontrava distasse no máximo dois dias de viagem, apressou-se a chegar, pois sempre temia ser alcançado pelo verdadeiro príncipe.

Ao fim do segundo dia, Labakan avistou o pilar de El-Serujah. Ele se encontrava em uma pequena elevação em uma vasta planície, e podia ser visto em

duas ou três horas de distância. O coração de Labakan bateu mais forte com essa visão; embora tivesse tido tempo suficiente nos últimos dois dias para refletir sobre o papel que ele teria que interpretar, e a consciência pesada o deixasse algo receoso., A ideia de que ele havia nascido para ser um príncipe o encorajou novamente, de forma que ele foi mais aliviado ao encontro de seu objetivo.

A região em torno do pilar de El-Serujah era inabitada e desértica, e o novo príncipe teria chegado em apuros por falta de provisões se não houvesse se abastecido para vários dias. Acampou, portanto, junto a seu cavalo sob a sombra de algumas palmeiras e aguardou ali por seu destino .

No dia seguinte, em torno das doze horas, viu um grande cortejo de cavalos e camelos aproximando-se do pilar de El-Serujah pela planície. O cortejo parou no pé da colina na qual se encontrava o pilar, armaram-se magníficas tendas, e a cena lembrava um séquito de um rico paxá ou xeique. Labakan suspeitou que o grande aglomerado de pessoas que via estava lá por sua causa, e sentia vontade de mostrar-lhes naquele mesmo dia seu futuro governante; mas conteve sua ânsia de se mostrar como príncipe, já que a manhã seguinte deveria satisfazer totalmente os seus mais ousados desejos.

O sol da manhã acordou o exultante alfaiate para o momento mais importante da sua vida, que o elevaria do status de mero e desconhecido mortal para uma vida ao lado de um pai monarca; mas enquanto encilhava seu cavalo para cavalgar até o pilar, deu-se conta da ilegitimidade de sua ação; seus pensamentos lhe mostravam a dor do filho do soberano, traído em suas belas esperanças – mas a sorte estava lançada, ele não podia mais mudar o que havia acontecido, e seu amor-próprio lhe sussurrava que ele parecia suficientemente imponente para apresentar-se como filho até para o mais poderoso rei. Encorajado por esses pensamentos, saltou em seu cavalo, reuniu toda a sua coragem para galopar e, em menos de um quarto de hora, chegou ao pé da colina. Desceu do cavalo e amarrou-o a um dos vários arbustos que cresciam por ali; então empunhou o punhal do príncipe Omar e subiu a colina. Ao pé do pilar, estavam seis homens em torno de um ancião com uma aparência de superioridade e realeza: um suntuoso *caftan* de brocado dourado, cingido por uma manta de cashmere branco, o turbante branco decorado com pedras preciosas brilhantes denotavam-no como um homem de riqueza e dignidade.

Labakan foi até ele, curvou-se a sua frente e falou, enquanto entregava o punhal: “Aqui estou eu, a quem vós buscais.”

“Louvado seja o profeta que te restabeleceu!” respondeu o ancião com lágrimas de felicidade. “Abraça teu velho pai, meu querido filho Omar!” O bom alfaiate estava muito comovido com estas solenes palavras e caiu nos braços do velho monarca com um misto de alegria e vergonha. Porém, só pôde aproveitar por um momento o encanto de sua nova posição sem ser perturbado; quando se endireitou, saindo dos braços do real ancião, viu um cavaleiro apressar-se

pela planície em direção à colina. O cavaleiro e seu cavalo proporcionavam um peculiar espetáculo; o cavalo parecia não querer seguir, por teimosia ou cansaço, se arrastava em um movimento trôpego, que não era nem marcha nem trote. Mas o cavaleiro o incitava com muito esforço a uma corrida mais rápida. Logo Labakan reconheceu seu cavalo Murva e o verdadeiro príncipe Omar, mas o gênio malvado da mentira já lhe tomara, e ele decidiu, independente do que acontecesse, reclamar os direitos usurpados com descaro ferrenho.

O cavaleiro já podia ser visto acenando desde longe. Por fim, apesar do trote ruim do cavalo Murva, ele havia chegado ao pé da colina, apeado do cavalo e subido a colina. “Parem!” exclamou ele. “Quem quer que sejam, parem e não se deixem enganar pelo infame impostor; chamo-me Omar, e que nenhum mortal arrisque fazer mau uso do meu nome!”

Nos rostos dos presentes estampou-se o espanto profundo pelo rumo dos acontecimentos; o ancião parecia especialmente surpreso, pois olhava interrogativamente ora para um, ora para outro; Labakan, porém, falou com uma calma a duras penas alcançada: “Misericordioso senhor e pai, não vos deixai enganar por este que aí está! Pelo que sei, é um louco aprendiz de alfaiate de Alexandria, chamado Labakan, que merece mais nossa piedade que nossa indignação.” Essas palavras levaram o príncipe à fúria; espumando de raiva, queria calar Labakan; contudo, os presentes atiraram-se entre eles e seguraram-no, e o rei falou: “Verdadeiramente, meu querido filho, o pobre homem é louco; amarrem-no e coloquem-no em um de nossos dromedários, quem sabe possamos conseguir ajuda para o infeliz.”

A ira do príncipe havia se abrandado, e, chorando, exclamou para o rei: “Meu coração me diz que sois meu pai; pela memória da minha mãe eu vos imploro, escutai-me!”

“Ah, Deus nos proteja!” respondeu este, “já começa de novo a falar disparates; como pode uma pessoa chegar a tais ideias fantásticas!” Com isso tomou o braço de Labakan e desceu a colina acompanhado por ele; os dois sentaram-se em belos cavalos, cobertos com ricas mantas, e cavalgaram na ponta do cortejo pela planície. Ao infeliz príncipe prenderam as mãos e amarraram-no em um dromedário, e dois cavaleiros iam sempre a seu lado, mantendo sempre um olhar atento sobre cada movimento seu.

O real ancião era Saaud, o sultão dos Wahabis. Ele havia vivido por muito tempo sem ter filhos, até que finalmente nasceu-lhe o príncipe pelo qual ele tanto ansiara; mas os astrólogos aos quais ele perguntou sobre os auspícios para o menino sentenciaram “que ele estaria em perigo de ser usurpado por um inimigo até os vinte e dois anos”. Assim, para ir pelo seguro, o sultão entregou o príncipe para seu velho e qualificado amigo Elfi-Bey, para que o criasse, e esperou vinte e dois dolorosos anos por vê-lo pessoalmente.

Tudo isso contou o sultão a seu (suposto) filho e mostrando-se extremamente satisfeito com sua figura e seu comportamento digno.

Quando chegaram à terra do sultão, foram recebidos por toda parte com gritos de alegria dos habitantes, pois o boato da chegada do príncipe se espalhou pelas cidades e povoados como um rastilho de pólvora. Nas ruas por onde passavam, havia arcos de flores e ramos, tapetes brilhantes de todas as cores ornavam as casas, e o povo louvava a Deus e seu profeta, que lhes havia enviado um príncipe tão belo. Tudo isso enchia de alegria o coração orgulhoso do alfaiate; mas tão mais infeliz devia se sentir o verdadeiro Omar que, ainda atado, seguia o cortejo em silencioso desespero. Ninguém se importava com ele em meio da alegria geral que era, de fato, para ele. Milhares e milhares de vozes exclamavam o nome Omar, mas a ele, a quem por direito pertencia esse nome, a ele ninguém dava atenção; no máximo um ou outro perguntava quem estava acompanhando o séquito preso daquela maneira, e a resposta de seus acompanhantes, de que ele era um alfaiate maluco, soava terrível aos ouvidos do príncipe.

O cortejo finalmente chegou à capital do sultão, onde tudo estava preparado para a sua recepção com ainda mais esplendor que nas outras cidades. A sultana, uma mulher idosa e respeitável, esperava-os com toda sua corte no salão mais magnífico do castelo. O piso era coberto por um imenso tapete, as paredes por um tecido azul claro pendurado em grandes ganchos de prata com borlas e cordões de ouro.

Já estava escuro quando o cortejo chegou, por isso muitas lâmpadas redondas e coloridas, que transformavam a noite em dia, estavam acesas no salão. Mas elas brilhavam mais claras e coloridas no fundo do salão, onde estava a sultana, sentada em um trono. O trono estava sobre quatro degraus e era de puro ouro e incrustado com grandes ametistas. Os quatro principais emires seguravam um baldaquim de seda vermelha sobre a cabeça da sultana e o xeique de Medina abanava-a com um leque de penas brancas de pavão.

Assim a sultana esperava seu marido e seu filho – também ela não o vira mais desde seu nascimento, mas sonhos premonitórios haviam lhe mostrado o almejado, de forma que ela o reconheceria entre milhares. Agora se ouvia o ruído do cortejo se aproximando, trombetas e tambores se misturavam à aclamação da multidão, o tropel dos cavalos ressoou na corte do palácio, mais e mais perto se ouvia o rumor dos passos dos que chegavam, as portas do salão se abriram e através das fileiras de servos que se abaixavam, surgiu o sultão pela mão de seu filho à frente do trono da mãe.

“Aqui”, disse ele, “trago-te aquele por quem por tanto tempo ansiaste.”

Mas a sultana o interrompeu: “Esse não é o meu filho!” exclamou ela, “essas não são as feições que o profeta me mostrou em sonho!”

Justo quando o sultão queria censurar sua superstição, a porta do salão se abriu. O príncipe Omar entrou correndo seguido por seus guardas, de quem havia escapado com todas as suas forças, e atirou-se sem fôlego diante do trono:

“Desarmado quero morrer , mandai me matar, pai cruel, pois não vou mais tolerar esta vergonha!”

Todos foram pegos de surpresa por essa fala; cercou-se o infeliz e os guardas correndo já queriam apanhá-lo e amarrá-lo novamente, quando a sultana, que havia observado tudo isso em mudo espanto, levantou-se de um salto do trono: “Parem!” exclamou ela, “este e nenhum outro é o verdadeiro, este é o que meus olhos nunca viram, mas que meu coração reconheceu!”

Os guardas soltaram Omar instintivamente, mas o sultão, inflamado por furiosa ira, gritou-lhes para pegar o louco: “Aqui decido eu”, falou ele com voz de comando, “e aqui não se governa segundo os sonhos das mulheres, mas sim segundo sinais certos e inconfundíveis. Este aqui (ao mesmo tempo em que apontava para Labakan) é meu filho, pois ele me trouxe o emblema de meu amigo Elfi: o punhal.”

“Ele o roubou”, gritou Omar, “usou minha confiança inocente para a traição!” Mas o sultão não ouvia a voz de seu filho, pois ele estava acostumado a seguir teimosamente o seu julgamento em todas as ocasiões; por isso mandou arrastar à força do salão o infeliz Omar. Ele próprio foi com Labakan para seu aposento, cheio de raiva da sultana, sua esposa, com a qual vivera em paz por vinte e cinco anos.

A sultana, porém, estava terrivelmente aflita por causa desses acontecimentos; estava convencida de que um impostor tomara o coração do sultão, pois muitos sonhos premonitórios haviam lhe mostrado aquele infeliz como seu filho.

Quando sua dor diminuía um pouco, pensou em meios de convencer seu marido de seu erro. Contudo, isso era difícil, pois aquele que se fazia passar por seu filho havia entregue o emblema, o punhal, e também havia ouvido, conforme ela ficou sabendo, o verdadeiro Omar contar o bastante sobre sua antiga vida para poder interpretar seu papel sem se trair.

Ela chamou até si os homens que haviam acompanhado o sultão ao pilar de El-Serujah para que lhe contassem tudo nos mínimos detalhes e, então, se aconselhou com suas escravas mais confiáveis. Elas votaram e sugeriram esta e aquela maneira; finalmente Melechsallah, uma velha e sábia dama de honra, falou: “Se bem ouvi, cara senhora, assim chamou o portador do punhal àquele, a quem considerais teu filho: Labakan, um alfaiate demente, não é?”

“Sim, isso mesmo”, respondeu a sultana, “mas aonde queres chegar?”

“O que diríeis”, prosseguiu a escrava, “se esse impostor tivesse atribuído seu próprio nome ao seu filho? – E, se assim for, então existe um excelente meio de apanhar o impostor, que quero vos dizer em completo segredo.” A sultana ofereceu o ouvido à escrava e esta lhe sussurrou um conselho de que ela pareceu gostar, pois preparou-se para ir imediatamente ao sultão.

A sultana era uma mulher inteligente, que conhecia bem os pontos fracos do sultão e sabia utilizá-los. Por isso ela pareceu ceder e querer reconhecer o

filho, e pediu apenas uma condição; o sultão, que sofria com a cólera que sentia contra a sua esposa, concedeu-a e ela falou: “Gostaria muito de pôr os dois a uma prova de sua habilidade; outra pessoa os mandaria talvez cavalgar, esgrimir ou arremessar lanças, mas essas são coisas que qualquer um consegue fazer; não, eu quero dar-lhes algo para que seja preciso sagacidade! Cada um deve manufaturar um *caftan* e um par de calças, e então veremos quem faz os mais belos.”

O sultão riu e falou: “Oh, planejaste algo muito inteligente. O meu filho deveria competir com o teu alfaiate maluco por quem faz o melhor *caftan*? Não, isso não é nada.”

A sultana, porém, referiu-se ao fato de que ele havia concordado com sua condição de antemão, e o sultão, que era um homem de palavra, por fim cedeu, ainda que jurasse que não importava quão bem o alfaiate maluco fizesse seu *caftan*, ele não poderia reconhecê-lo como seu filho.

O sultão procurou pessoalmente seu filho e pediu-lhe para fazer o capricho de sua mãe, que desejava impreterivelmente ver um *caftan* feito pela sua mão. O bom Labakan riu com o coração alegre; se é só isso que falta, pensou consigo mesmo, então em breve a senhora sultana ficaria satisfeita com seu filho.

Haviam preparado duas salas, uma para o príncipe, a outra para o alfaiate; ali deviam provar sua arte, e haviam dado a cada um apenas a quantidade suficiente de seda, uma tesoura, agulha e linha.

O sultão estava muito ansioso para saber que tipo de *caftan* seu filho traria à luz, mas o coração da sultana também batia inquieto, para saber se a sua artimanha daria certo ou não. Haviam estipulado dois dias para a empreitada dos dois, e no terceiro dia, o sultão mandou chamar sua esposa para buscar os dois *caftans* e seus criadores. Labakan entrou triunfante e estendeu seu *caftan* diante do olhar admirado do sultão. “Veja aqui, pai”, falou ele, “veja aqui, querida mãe, se esta não é uma obra-prima de *caftan*? Faço aqui uma aposta com o mais habilidoso alfaiate da corte, se é que existe algum.”

A sultana sorriu e voltou-se para Omar: “E tu, o que trouxeste, meu filho?”

Este jogou relutante o tecido de seda e a tesoura no chão: “Ensinaaram-me a domar um cavalo e a empunhar uma espada, e minha lança alcança seu alvo a sessenta passos – mas as artes da agulha me são desconhecidas, elas não seriam dignas de um pupilo de ElfiBey, o senhor do Cairo.”

“Oh, tu, verdadeiro filho do meu senhor”, exclamou a sultana, “ah, se eu pudesse te abraçar e te chamar de filho! Perdoai, meu esposo e soberano”, disse ela então, se voltando para o sultão, “que eu tenha usado essa artimanha contra vós; não reconheceis agora quem é príncipe e quem é alfaiate? De fato, o *caftan* que o senhor vosso filho fez é encantador, e eu gostaria muito de perguntar-lhe com qual mestre ele aprendeu.”

O sultão sentou-se em profunda reflexão, ora desconfiando de sua mulher, ora de Labakan, que em vão procurava lutar contra seu rubor e seu sobressalto

por ter se revelado de forma tão estúpida. “Esta prova também não é suficiente”, falou ele, “mas eu sei, graças a Alá, um meio de descobrir se estou ou não enganado.”

Ele ordenou que trouxessem seu cavalo mais veloz, saltou sobre ele e cavalgou para uma floresta que começava não muito longe da cidade. Lá morava, segundo uma antiga lenda, uma boa fada chamada Adolzaide, que já assistira muitas vezes com seu conselho os reis de sua linhagem na hora de necessidade. Foi a ela que o sultão recorreu.

No meio da floresta havia um espaço aberto rodeado por altos cedros. Segundo a lenda, lá vivia a fada, e raramente um mortal adentrava esse lugar, pois desde tempos antigos um certo temor por ele havia sido transmitido de pai para filho.

Ao chegar lá, o sultão desceu do cavalo, prendeu-o a uma árvore, colocou-se no centro do lugar e falou em voz alta: “Se é verdade que tu deste bom conselho a meus antepassados na hora da necessidade, então não despreza o pedido de seu descendente e aconselha-me no que a mente humana tem curta visão!”

Mal havia falado as últimas palavras quando um dos cedros se abriu e dele saiu uma mulher coberta com um véu e vestindo longas e brancas vestes. “Eu sei por que vens até mim, sultão Saaud, tua vontade é sincera; por isso também deverá ser a minha ajuda a ti. Toma estas duas caixinhas! Deixa os dois que querem ser teus filhos escolherem! Eu sei que aquele que é o verdadeiro não errará a correta.” Assim falou a que estava oculta pelo véu e alcançou-lhe duas pequenas caixinhas de marfim ricamente enfeitadas com ouro e pérolas; sobre a tampa, que o sultão procurava abrir sem sucesso, havia inscrições com diamantes incrustados.

O sultão ponderou, enquanto cavalgava para casa, sobre o que poderia estar dentro das caixinhas, as quais ele não pôde abrir com todo o seu esforço. A inscrição também não lhe dava qualquer luz no assunto, pois em uma havia “honra e glória” e na outra “felicidade e riqueza”. O sultão pensou consigo que também seria difícil para ele a escolha entre as duas coisas, igualmente atraentes e sedutoras.

Quando havia chegado a seu palácio, mandou chamar a sultana e disse-lhe as palavras da fada, e se sentiu tomada de esperança de que aquele a quem seu coração chamava escolhesse a caixinha que comprovaria sua ascendência real.

Foram colocadas duas mesas diante do trono do sultão; sobre elas o sultão colocou com as próprias mãos as duas caixinhas, subiu então ao trono e acenou para um de seus escravos abrir a porta do salão. Uma assembleia brilhante de paxás e emires do reino que o sultão chamara irrompeu pela porta aberta. Sentaram-se em almofadas suntuosas que estavam colocadas ao longo das paredes.

Quando todos haviam se sentado, o rei acenou pela segunda vez e Labakan foi trazido. Caminhou pelo salão com orgulhosos passos, prostrou-se diante do trono e falou: “O que me ordena meu pai e senhor?”

O sultão levantou-se do trono e falou: “Meu filho! Dúvidas quanto à veracidade de teus direitos a este nome foram levantadas; uma daquelas caixinhas contém a confirmação de teu nascimento legítimo, escolhe! Não duvido de que escolherás a correta!”

Labakan levantou-se e avançou até as caixinhas, ele ponderou bastante tempo o que devia escolher e finalmente falou: “Querido pai! O que pode existir de maior que a felicidade de ser teu filho, o que mais precioso que a riqueza do teu favor? Eu escolho a caixinha que mostra a inscrição ‘felicidade e riqueza.’”

“Mais tarde vamos descobrir se tu escolheste corretamente; por enquanto senta-te lá na almofada ao lado do paxá de Medina”, disse o sultão e acenou a seus escravos.

Omar foi trazido; seu olhar era sombrio, seu rosto triste e seu aspecto provocou simpatia geral entre os presentes. Ele se prostrou diante do trono e perguntou qual seria o desejo do sultão.

O sultão indicou-lhe que tinha de escolher uma das caixinhas, ele se ergueu e avançou em direção à mesa.

Leu com atenção as duas inscrições e falou: “Os últimos dias me ensinaram quão incerta é a felicidade, quão passageira é a riqueza; mas também ensinaram-me que um bem indestrutível reside no peito do corajoso, a honra, e que a estrela brilhante da glória não se desvanece simultaneamente com a felicidade. E se eu devesse abdicar de uma coroa, a sorte está lançada – honra e glória, escolho-vos!”

Ele colocou sua mão na caixinha que havia escolhido; mas o sultão ordenou-lhe que parasse; acenou a Labakan para posicionar-se igualmente à mesa e também este colocou sua mão sobre sua caixinha.

O sultão ordenou que trouxessem uma bacia com água do poço sagrado de Zemzem em Meca, lavou suas mãos para a oração, voltou seu rosto para leste, prostrou-se e rezou: “Deus de meus antepassados! Tu que há séculos conservas nossa linhagem pura e não adulterada, não permitas que um indigno desgrace o nome dos Abássidas, estejas próximo com tua proteção de meu verdadeiro filho neste momento de prova!”

O sultão levantou-se e subiu novamente ao seu trono; uma expectativa geral prendeu os presentes, mal se ousava respirar, podia-se ouvir um ratinho caminhar pelo salão, de tão silenciosos e tensos que todos estavam, os mais para trás esticavam o pescoço para poder ver melhor caixinhas. O sultão falou então: “Abram as caixas”, e estas, que anteriormente nenhuma força pudera abrir, subitamente abriram-se sozinhas.

Na caixinha que Omar escolhera estavam sobre uma almofada de veludo uma pequena coroa dourada e um cetro; na caixinha de Labakan – uma grande agulha e um pouco de linha! O sultão ordenou aos dois que trouxessem suas caixinhas até ele. Ele tomou a coroinha da almofada em sua mão e era maravilhoso era ver como se tornava cada vez maior em sua mão, até atingir o tamanho

de uma coroa verdadeira. Ele colocou a coroa na cabeça de seu filho Omar, que se ajoelhava frente a ele, beijou-lhe a testa e chamou-o a sentar-se à sua direita. Voltou-se, porém, para Labakan e disse: “É um velho ditado: cada um com seu ofício! Parece que devias ficar com a agulha. Não merecestes meu favor, mas alguém, a quem nada posso recusar hoje, rogou por ti; por isso dou-te tua vida miserável, mas se bem te posso aconselhar, apressa-te a sair da minha terra!”

Envergonhado e aniquilado como ele estava, o pobre aprendiz de alfaiate nada pôde refutar; prostrou-se diante do príncipe e lágrimas brotaram de seus olhos: “Perdoai-me, príncipe,” disse ele.

“Lealdade para com o amigo, generosidade para com o inimigo é o orgulho do Abássida”, respondeu o príncipe, enquanto levantava-o, “vá em paz!”

“Oh, tu, meu verdadeiro filho!” exclamou emocionado o velho sultão e caiu nos braços do filho; os emires e paxás e todos grandes do reino levantaram-se de seus lugares e exclamaram: “Salve o novo filho do rei!” E sob o júbilo geral Labakan saiu de mansinho do salão com sua caixinha debaixo do braço.

Ele desceu aos estábulos do sultão, encilhou seu cavalo Murva e saiu pelo portão da cidade em direção a Alexandria. Toda sua vida de príncipe lhe parecia um sonho e somente a esplêndida caixinha, ricamente adornada com pérolas e diamantes lembrava-o que não sonhava.

Quando ele finalmente chegou a Alexandria, cavalgou pela frente da casa de seu antigo mestre, apeou, amarrou seu cavalo à porta e entrou na oficina. O mestre, que não o reconheceu imediatamente, fez grande cerimônia e perguntou como lhe poderia servir; mas quando viu o visitante mais de perto e reconheceu seu velho Labakan, chamou seus artífices e aprendizes e todos se jogaram furiosamente sobre o pobre Labakan, que não esperara tal tipo de recepção; espetaram e bateram nele com ferros de passar roupa e régua, feriram-no com agulhas e beliscaram-no com tesouras afiadas até que ele caiu exausto em uma pilha de roupas velhas.

Quando ainda estava sobre o monte de roupas, o mestre deu-lhe um sermão sobre o traje roubado; em vão Labakan assegurou que somente por isso teria voltado, para restituir-lhe tudo, em vão ofereceu-lhe três vezes o valor do prejuízo. O mestre e seus aprendizes caíram novamente sobre ele, bateram-lhe a valer e atiraram-no pela porta; destroçado e esfarrapado subiu no cavalo Murva e cavalgou até um abrigo. Lá deitou sua cabeça cansada e ferida e pôs-se a refletir sobre os sofrimentos da Terra, sobre quantas vezes o mérito era desvalorizado e sobre futilidade e transitoriedade de todos os bens. Ele adormeceu com a decisão de renunciar a toda grandeza e de tornar-se um cidadão respeitável.

E no outro dia não se arrependeu de sua decisão, pois as mãos pesadas do mestre e de seus aprendizes pareciam haver-lhe arrancado toda a nobreza.

Ele vendeu sua caixinha para um joalheiro por um alto preço, comprou uma casa para si e instalou uma oficina para seu negócio. Depois de tudo organizado,

pendurou uma placa com a inscrição *Labakan, Costuras* em frente à sua janela, sentou-se e começou a emendar o casaco que seu mestre tão cruelmente rasgara com a agulha e linha que encontrou na caixinha. Foi chamado de seu afazer e, quando queria pôr-se novamente ao trabalho, que visão estranha se apresentou a ele! A agulha continuava costurando aplicadamente, sem ser conduzida por alguém; ela dava pontos delicados e finos, como nem mesmo Labakan em seu momento mais artístico havia dado!

De fato, mesmo o menor presente de uma boa fada é útil e de grande valor! Mas este presente tinha ainda outro valor, a saber: o pedacinho de linha nunca acabava, a agulha podia ser tão diligente quanto quisesse.

Labakan recebeu muitos clientes e logo era o alfaiate mais famoso do lugar; ele cortava as roupas e dava o primeiro ponto com a agulha e ela continuava trabalhando sem cessar até que a roupa estivesse pronta. O Mestre Labakan passou a ter toda a cidade como cliente, pois ele trabalhava bem e muitíssimo barato. Somente uma coisa fazia as pessoas de Alexandria balançar a cabeça: porque trabalhava sem aprendizes e a portas fechadas?

Assim, a sentença da caixinha prometendo felicidade e riqueza cumpriu-se; felicidade e riqueza, ainda que de forma modesta, acompanhavam os passos do bom alfaiate e, quando ele ouvia da glória do jovem sultão Omar, de que todos falavam, quando ele ouvia que esse bravo seria o orgulho e o amor de seu povo e o terror de seus inimigos, aí pensava consigo o antigo príncipe: “É melhor que eu tenha continuado a ser um alfaiate; pois a honra e a glória são uma coisa bem perigosa.” Assim Labakan vivia satisfeito consigo mesmo, respeitado por seus concidadãos e, se nesse meio tempo a agulha não perdeu seu poder, então ainda costura agora com a linha infinita da boa fada Adolzaide.

*

Com o nascer do sol a caravana partiu e logo alcançou Birket El Had ou Lago do Peregrino, de onde distavam apenas mais três horas de caminho até o Cairo – a caravana já era esperada e logo os comerciantes tiveram a alegria de ver seus amigos do Cairo virem ao seu encontro. Eles entraram na cidade pela porta de Bebel Falch, pois é considerado um bom presságio passar por essa porta quando se vem de Meca, dado que o profeta por ela passou.

No mercado, os quatro comerciantes turcos se despediram do forasteiro e do comerciante grego Zaleukos e foram com seus amigos para casa. Zaleukos, porém, mostrou ao forasteiro uma boa hospedaria e convidou-o a almoçar com ele. O forasteiro aceitou e prometeu aparecer quando tivesse se trocado.

O grego havia encontrado todos os meios para entreter bem o forasteiro, ao qual havia se afeiçoado durante a viagem, e quando os pratos e bebidas estavam adequadamente organizados, sentou-se para esperar por seu convidado.

Ouviu passos lentos e pesados no corredor que levava ao seu aposento. Levantou-se para esperá-lo amigavelmente e recebê-lo no umbral; mas voltou

cheio de assombro quando abriu a porta, pois aquele terrível manto vermelho veio a seu encontro. Voltou a olhar para ele, mas não era nenhum engano: a mesma figura alta, imponente, a máscara, a partir da qual piscavam os olhos escuros, o manto vermelho com o bordado dourado era-lhe uma lembrança muito clara das horas mais terríveis de sua vida.

Sentimentos contraditórios agitavam o peito de Zaleukos; ele havia se reconciliado com essa imagem de sua memória há muito e a perdoado, mas sua vista abriu novamente todas suas feridas; todas aquelas horas angustiantes de medo da morte, aquele desapontamento que envenenou o auge de sua vida, desfilarão no voar de um instante em sua alma.

“O que queres, terrível?” exclamou o grego, quando a aparição continuava ainda sem se mover no umbral. “Desapareça rápido daqui para que eu não te amaldiçoe!”

“Zaleukos!” falou uma voz conhecida sob a máscara. “Zaleukos! Assim recebes teu convidado?” O que falava tirou a máscara, tirou o manto: era Selim Baruch, o forasteiro.

Mas Zaleukos ainda não parecia acalmado, tinha medo do forasteiro, pois ele o havia reconhecido muito claramente o desconhecido da *Ponte Vecchio*; mas o velho hábito da hospitalidade venceu, ele acenou em silêncio ao forasteiro para sentar-se para a refeição.

“Adivinho teus pensamentos”, esse tomou a palavra quando haviam se sentado. “Teus olhos me observam interrogativamente – eu poderia calar e nunca mais me mostrar à tua vista, mas devo prestar contas para ti e por isso me arrisquei ao perigo de que me amaldiçoasses aparecendo frente a ti em minha antiga forma. Uma vez me disseste: a crença de meus antepassados me ordena amá-lo, também ele é provavelmente mais infeliz que eu; acredite nisso, meu amigo, e ouve a minha justificativa!

Preciso começar de longe para me fazer entender completamente. Nasci de pais cristãos em Alexandria. Meu pai, o filho mais novo de uma antiga e famosa família francesa, era cônsul de seu país em Alexandria. Eu fui criado a partir do meu décimo ano na França por um irmão de minha mãe e deixei minha terra alguns anos após a eclosão da revolução para, com meu tio, que não estava mais seguro na terra de seus antepassados, procurar refúgio além-mar com meus pais. Chegamos cheios de esperança de reencontrar na casa paterna a paz e o sossego que o revoltado povo dos franceses nos tirou. Mas ah! Não encontrei o que esperava na casa de meu pai; os tumultos externos da época agitada ainda não haviam chegado até aqui, o que fez com que a infelicidade assolasse de forma ainda mais inesperada e intensa a minha casa. Meu irmão, um homem jovem e cheio de esperança, primeiro secretário de meu pai, se casara há pouco com uma jovem, a filha de um nobre florentino que vivia em nossa vizinhança; dois dias antes de nossa chegada ela desaparecera de repente, sem que nem nossa família,

nem seu pai pudessem encontrar o mínimo vestígio dela. Por fim acreditou-se que ela haveria se aventurado muito longe em um passeio e caído nas mãos de salteadores. Essa ideia era quase mais reconfortante para meu pobre irmão do que a verdade que logo nos seria informada. A infiel havia embarcado com um jovem napolitano que conhecera na casa de seu pai. Meu irmão, completamente indignado com esse passo, fez de tudo para trazer a culpada à punição; mas em vão, suas tentativas, que haviam causado sensação em Nápoles e Florença, serviram apenas para completar a tristeza dele e de todos nós. O nobre florentino viajou de volta para sua terra com o pretexto de obter justiça para meu irmão, mas, de fato, para nos arruinar. Ele desarticulou em Florença todas aquelas investigações que meu irmão travara e soube aproveitar tão bem sua influência, que obtivera de toda forma, que tornaram meu pai e meu irmão suspeitos ao seu governo e aprisionados pelos meios mais infames, levados até a França e lá mortos pelo machado do carrasco. Minha pobre mãe perdeu a razão e somente após dez longos meses a morte libertou-a de seu terrível estado. Porém em seus últimos dias ela havia retomado completamente a consciência. Assim estava eu agora totalmente sozinho no mundo, mas ocupava minha alma apenas um pensamento, apenas um pensamento me deixava esquecer minha dor, era aquela chama poderosa que minha mãe me atizara em suas últimas horas.

Nas últimas horas, como te disse, sua consciência retornara; ela mandou me chamar e falou com calma sobre nosso destino e seu fim. Ordenou que todos saíssem do quarto, levantou-se com ar solene de seu humilde leito e disse que eu poderia ganhar sua bênção se jurasse fazer algo de que ela me encarregaria – movido pelas palavras da mãe agonizante, jurei fazer o que ela me diria. Ela irrompeu em imprecações contra o florentino e sua filha e, com as mais terríveis ameaças sua maldição, fez-me jurar vingança em nome de minha família. Ela morreu em meus braços. O pensamento de vingança há muito adormecido em minha alma, agora despertava com todo poder. Eu recolhi o resto das posses de meu pai e jurei apostar tudo na minha vingança ou perecer com ela.

Logo estava em Florença, onde me mantive tão clandestino quanto possível; meu plano era muito mais dificultado pela posição em que meus inimigos se encontravam. O velho florentino se tornara governador e tinha assim todos os meios nas mãos para me destruir ao mínimo sinal de minha ação. Um acaso me ajudou. Uma noite vi uma pessoa em roupagem conhecida andar pelas ruas; seu andar instável, sua visão sinistra e os “*Santo sacramento*”, “*Maledetto diavolo*” proferidos em meia voz me fizeram reconhecer o velho Pietro, um serviçal do florentino, que eu já conhecera em Alexandria. Não tinha dúvidas de que ele estaria irado com seu senhor e decidi aproveitar seu humor. Ele pareceu bem surpreso em me ver aqui, desabafou sua frustração em não mais servir adequadamente a seu senhor, desde que ele se tornara governador, e meu ouro, auxiliado por sua ira, logo o trouxe para meu lado,. Agora o mais difícil estava eliminado,

eu tinha um homem a meu serviço que me abria a qualquer hora a porta de meu inimigo, e meu plano de vingança amadurecia cada vez mais rápido. A vida do velho governador florentino me parecia ter pouca importância diante da desgraça que se abatera sobre minha casa. Ele precisava ver assassinado seu ente mais querido e este era Bianca, sua filha. Se ela havia injuriado tão vergonhosamente meu irmão, era ela sim a causa de toda nossa desgraça. A notícia de que Bianca queria casar-se uma segunda vez pareceu muito desejável ao meu coração sedento de vingança; estava decidido, ela devia morrer. Mas eu mesmo temia o ato e Pietro também se julgava incapaz para tanto; por isso procuramos por um homem que pudesse realizar a empreitada. Entre os florentinos não arriscava contratar ninguém, pois ninguém faria tal coisa contra o governador. Então ocorreu a Pietro o plano que eu depois executei; ele te apresentou como forasteiro e médico dos mais aptos. O correr das coisas tu sabes. Somente tua grande prudência e honestidade pareciam frustrar minha empreitada. Portanto a coincidência com o manto.

Pietro nos abriu o portãozinho no palácio do governador; ele também nos teria guiado de volta igualmente em segredo e teríamos escapado se não tivéssemos nos assustado com a visão terrível que se nos mostrou pela porta entreaberta. Perseguido pelo terror e arrependimento, corri mais de duzentos passos até sucumbir nos degraus de uma igreja. Lá me recolhi e meu primeiro pensamento eras tu e teu destino terrível, se te encontrassem na casa. Entrei às escondidas no palácio, mas não pude achar vestígios nem de Pietro nem de ti; porém, o portãozinho estava aberto, então eu podia ao menos esperar que tu pudesses ter aproveitado a oportunidade para fugir.

Mas quando o dia amanheceu, o medo de ser reconhecido e uma sensação inegável de arrependimento não me deixou mais adentrar os muros de Florença. Apressei-me para Roma. Mas imagina a minha perplexidade quando lá, após alguns dias, contava-se essa história por toda a parte, com a adição de que havia sido prendido o assassino, um médico grego. Retornei com inquieta apreensão a Florença; se já antes minha vingança me parecia muito forte, então a amaldiçoava agora, pois o preço de tua vida era caro demais. Cheguei no mesmo dia que te roubou a mão. Calo-me a respeito do que senti ao ver-te subir o cadafalso e sofrer tão heroicamente. Mas então, quando teu sangue jorrou com força, estava firme em mim a decisão de adoçar teus dias de vida restantes. O que aconteceu a seguir, tu sabes, apenas me resta dizer por que fiz esta viagem contigo.

Como um fardo pesado, me afligia o pensamento de que tu ainda não me perdoaste; por isso decidi-me a viver muitos dias contigo e finalmente prestar-te contas do que fiz.”

O grego ouviu seu convidado em silêncio; com olhar brando ofereceu-lhe sua mão direita depois que terminou. “Eu bem sabia que tu devias ser mais infeliz que eu, pois aquele ato cruel escurecerá teus dias para sempre como uma nuvem

escura; perdoo-te de coração. Mas permita-me mais uma pergunta: como vens com este disfarce ao deserto? O que fizeste após haver me comprado a casa em Constantinopla?”

“Eu voltei para Alexandria”, respondeu o inquirido. “Ódio contra todos os homens agitava o meu peito, ódio ardente especialmente contra aquelas nações que são chamadas cultas. Crê-me que me sentia melhor entre os meus muçulmanos! Mal estava em Alexandria por alguns meses quando sucedeu aquele desembarque de meus contrerrâneos.

Eu via neles apenas o carrasco de meu pai e meu irmão, por isso reuni alguns jovens conhecidos de mesma opinião e juntei-me àqueles bravos mamelucos, que tão frequentemente foram o terror do exército francês. Quando a campanha acabou, não pude a retornar às artes da paz. Com um pequeno número de amigos de igual pensamento, vivia uma vida instável e fugitiva, devotada à luta e à caça; vivo satisfeito entre essas pessoas que me honram como seu líder, pois se meus asiáticos não são tão instruídos como teus europeus, dessa forma estão mais distanciados de inveja e calúnia, de egoísmo e ambição.”

Zaleukos agradeceu ao forasteiro por sua mensagem, mas não lhe escondeu que acharia mais apropriado para sua posição, para sua educação, se ele vivesse e trabalhasse em terras cristãs e europeias. Pegou-lhe a mão e pediu-lhe para ir com ele, viver e morrer a seu lado.

O convidado olhou-o comovido. “Daí reconheço”, disse ele, “que tu me perdoaste por completo, que tu me amas. Recebe meu mais profundo agradecimento por isso!” Ele levantou-se e ficou em toda sua estatura diante do grego, a quem a dignidade aguerrida, os olhos escuros brilhantes e a voz profunda de seu hóspede quase aterrorizava. “Tua sugestão é boa”, prosseguiu aquele, “ela seria tentadora para qualquer outro – eu não posso aproveitá-la. Meu cavalo já está selado, meus criados esperam por mim; adeus, Zaleukos!” Os amigos, que o destino reunia tão prodigiosamente, abraçaram-se na despedida. “E como te chamo? Qual o nome de meu hóspede que sempre viverá em minha memória?” perguntou o grego.

O forasteiro olhou-o por muito tempo, apertou-lhe mais uma vez a mão e falou: “Chamam-me de o Senhor do Deserto; sou Orbasan, o ladrão.”